

DENOMINAÇÕES PARA PAPAGAIO NO FALAR AMAPAENSE

DENOMINATION FOR *PAPAGAIO* IN SPEAKING AMAPAENSE

Andreina Nunes Pereira¹

Universidade do Estado do Amapá

Loerhana Geisielle Quintela Miranda Camarão²

Universidade do Estado do Amapá

Romário Duarte Sanches³

Universidade Federal do Amapá

Resumo: Este artigo tem por objetivo demonstrar a variação lexical para *papagaio* no estado do Amapá. A base teórico-metodológica adotada foi o campo da Dialectologia acompanhado do método Geolinguístico. Os procedimentos metodológicos empregados neste estudo seguem os pressupostos do primeiro volume do *Atlas Linguístico do Amapá – ALAP* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). Deste modo, foram consideradas dez localidades do referido estado e 40 informantes, dos quais são 20 homens e 20 mulheres, divididos em dois grupos etários: Grupo A (18-30 anos) e Grupo B (50-75 anos). O item analisado corresponde à questão de número 68 do Questionário Semântico-lexical – QSL. Assim, as variantes encontradas foram *papagaio*, *arara*, *periquito*, *maracanã*, *louro* e *curica*. Quanto à variação diasssexual, notou-se que na fala dos homens foram registradas todas as variantes, já na fala das mulheres tem-se *papagaio*, *arara* e *periquito*. Na fala dos informantes do Grupo A (18-30 anos) foram encontradas as variantes *papagaio*, *arara*, *periquito* e *louro*, enquanto na fala do Grupo B (50-75 anos) as variantes foram *papagaio*, *arara*, *periquito*, *maracanã* e *curica*.

Palavras-chave: Dialectologia; Geolinguística; Variação Lexical; Papagaio; ALAP.

Abstract: This article aims to demonstrate the lexical variation for the word "*papagaio*" (parrot) in the state of Amapá. The theoretical and methodological framework adopted in this study is based on the field of Dialectology accompanied by the Geolinguistic method. The methodological procedures employed in this study follow the assumptions of the first volume of the *Linguistic*

¹ Graduada em Licenciatura em Letras - Espanhol pela Universidade do Estado do Amapá – UEAP, e-mail: andreinapereira456@gmail.com

² Graduada em Licenciatura em Letras – Francês pela Universidade do Estado do Amapá – UEAP, e-mail: loerhanaquintela@gmail.com.

³ Doutor em Letras - Linguística, Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Macapá, Amapá, e-mail: romariodsanches@gmail.com.

Atlas of Amapá - ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). Therefore, ten localities in the mentioned state and 40 informants were considered, including 20 men and 20 women, divided into two age groups: Group A (18-30 years) and Group B (50-75 years). The analyzed item corresponds to question number 68 of the Semantic-Lexical Questionnaire - QSL. Thus, the variants found were "papagaio" (parrot), "arara", "periquito", "maracanã", "louro", and "curica". Regarding gender variation, it was observed that all variants were recorded in men's speech, while women's speech included "papagaio", "arara," and "periquito." In the speech of Group A informants (18-30 years old), the variants found were "papagaio", "arara," "periquito," and "louro," while in the speech of Group B informants (50-75 years old), the variants were "papagaio," "arara" "periquito" "maracanã" and "curica".

Keywords: Dialectology; Geolinguistics; Lexical Variation; Parrot; ALAP.

Submetido em 30 de março de 2024.

Aprovado em 25 de abril de 2024.

Introdução

Desde as primeiras expedições europeias em terras brasileiras, já havia grande curiosidade em relação à fauna e flora nativa. De posse da carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500, é possível observar que o autor faz uma descrição acerca das terras “encontradas” e se propõe a descrever e dar nomes às árvores e animais avistados. Contudo, nestas terras já havia grupos nativos que falavam diversas línguas e, subsequentemente, com a colonização, foram chegando africanos escravizados em massa. Tanto indígenas, quanto africanos, aderiram à língua portuguesa por imposição e com isso o hibridismo linguístico e cultural começou a se consolidar cada vez mais, ficando evidente nos diversos nomes de origem indígena e africana, associados a hidrografia, topografia, fauna e flora brasileira, que constam no acervo lexical da língua portuguesa falada no Brasil.

Com foco em compreender as variedades linguísticas e suas variantes, este trabalho se propõe a descrever, mapear e analisar as lexias encontradas para *papagaio*, que compõem o campo semântico *fauna* do Questionário Semântico-lexical – QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), de modo a visualizar a existência da influência dos aspectos sociais no falar dos amapaenses. Para tanto, foi utilizado o *corpus* inédito do *Atlas Linguístico do Amapá* – ALAP.

Para contextualizar, o ALAP teve sua primeira edição publicada em 2017 por Abdelhak Razky, Celeste Ribeiro e Romário Sanches. Este atlas é resultado do grupo de pesquisa ALAP, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, formado em 2010, no qual foram reunidos esforços de colaboradores, estudantes e professores para produção do atlas, com a finalidade de mapear e descrever o português falado em dez municípios do Amapá, seguindo a mesma metodologia do *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*⁴.

Assim, serão abordados nas seções seguintes o campo da Dialetoлогия, Geolinguística e estudos relacionados à variação lexical no Brasil, principalmente a respeito do campo semântico fauna.

1. Dialetoлогия, Geolinguística e variação lexical

Cardoso (2010, p.15) comenta que a Dialetoлогия se apresenta, no curso da história, como uma “disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Considerando que, inicialmente, esta ciência se preocupava em registrar as lexias em um espaço específico, com o passar do tempo, a Dialetoлогия se expandiu no que se refere à sua abordagem e perspectiva. Em vista disso, foram propostas divisões para melhor entender o caminho percorrido até o estágio atual. Neste estudo, apresentar-se-ão as quatro fases propostas por Mota e Cardoso (2006) que melhor definem o campo da Dialetoлогия.

A primeira fase marca o início da Dialetoлогия no Brasil por Visconde de Pedra Branca e vai do ano 1626 a 1920. A segunda é iniciada com Amadeu Amaral em *O Dialeto Caipira* de 1920 e vai até 1952 e se caracteriza por obras de caráter lexicográfico. Em 1952, acontece a terceira fase que tem por marco o decreto nº 30.643 de 20 de março do mesmo ano, que institui o *Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa* e dá a responsabilidade a Comissão de Filologia da Casa de desenvolver um *Atlas Linguístico do Brasil*, neste período são publicados atlas linguísticos regionais, assim, foram

⁴ O Atlas Linguístico do Brasil é um projeto nacional, idealizado à luz do Seminário Caminhos e perspectivas para Geolinguística no Brasil (1996), na Universidade Federal da Bahia, com o objetivo de descrever a realidade linguística brasileira nos seus aspectos fônicos, morfossintático, léxico-semânticos e prosódicos, a partir de um grande volume de dados coletados in loco em 250 comunidades por todo território nacional.

incorporados de forma inicial o método geolinguístico. Em 1996 foi instituído o Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, acontecimento que inaugura a quarta fase, seguindo até os dias atuais.

O ALiB se encarrega de mapear o falar brasileiro de maneira científica e tem sido o responsável por sistematizar e difundir o método geolinguístico. Desta maneira, a partir de sua publicação surgiram diversos atlas regionais que se basearam em sua base metodológica. O método delimitado para a criação do ALiB foi formulado pensando no registro de língua em sua multidimensionalidade, trazendo à tona aspectos linguísticos e extralinguísticos do português brasileiro, considerando isso foram estabelecidos critérios para a seleção dos informantes, pontos de inquérito e questões a serem aplicadas.

Para a seleção das localidades, foram considerados os aspectos: i) históricos; ii) socioculturais e iii) demográficos. Para a seleção dos informantes, estes deveriam ser: i) homem de 18-30 anos; ii) mulher de 18-30 anos; iii) homem de 50 a 65 anos; iv) mulher de 50 a 65 anos. Ainda sobre os critérios sociais, os informantes deveriam ser: i) alfabetizados, que cursaram no máximo ensino fundamental e iii) alfabetizados com nível superior (somente nas capitais). Os questionários utilizados buscaram registrar os fenômenos: i) fonético-fonológico, que possui questões prosódicas; ii) semântico-lexical; iii) morfossintático. Com isso, foram mapeados os estados brasileiros, com exceção do Distrito Federal e do estado do Tocantins, por ser o mais novo da federação e não se enquadrar nos critérios estabelecidos. Por fim, o ALiB foi publicado em dois volumes, ambos publicados em 2014, sendo que o primeiro volume é o de introdução e o segundo traz linguísticas dos dados das capitais, além de sua edição introdutória (2001), constando o percurso histórico do projeto e os aspectos metodológicos seguidos.

O método aplicado no ALiB foi a Geolinguística, “método por excelência da dialetologia e que vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados” (CARDOSO, 2010, p. 46). Assim, consiste em apresentar dados linguísticos sob a forma de mapa ou carta, distribuindo-os por pontos espacialmente identificados. Enquanto método da Dialetologia, a Geolinguística ajuda a sistematizar a coleta de dados, organizando os instrumentos de pesquisa e delimitando os grupos de informantes, além de auxiliar no mapeamento geolinguístico dos dados coletados *in loco*.

Historicamente, a Geolinguística inicia com os trabalhos de Georg Wenker (1881)

e o *Atlas Lingüístico da Alemanha*, e Jules Gilliéron (por volta de 1910) com o *Atlas Lingüístico da França*. À época, a metodologia de pesquisa desses trabalhos foi duramente criticada devido à falta de uniformidade da coleta dos dados, contudo, esses trabalhos foram pioneiros e com o decurso do tempo foi alcançado o modelo metodológico que se entende hoje como pluridimensional, assim, a Geolinguística passou por muitas fases de aperfeiçoamento, especialmente no que diz respeito ao controle de variáveis linguísticas e extralinguísticas (SANCHES, 2015).

Segundo Romano (2013), os estudos geolinguísticos estão divididos em dois momentos, antes e depois do ALiB. Desse modo, os trabalhos monodimensionais que correspondem às primeiras publicações de atlas linguísticos estaduais enquadram-se no primeiro momento, como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et al., 1963), o *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977), o *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1984), o *Atlas Lingüístico do Sergipe* (FERREIRA et al., 1987), *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), o *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul* (KOCH et al., 2002/2011), o *Atlas Lingüístico do Ceará* (BESSA, 2010) e o *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005).

O segundo momento, contempla atlas publicados após ALiB, pois trazem uniformidade quanto ao método, compreendendo e respeitando a pluridimensionalidade da língua, a exemplo o *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004), o *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007), o *Atlas Lingüístico do Amazonas* (CRUZ, 2004), o *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (ALMEIDA, 2008), o *Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás* (AUGUSTO, 2012), o *Atlas Lingüístico de Pernambuco* (SÁ, 2013), o *Atlas Lingüístico do Amapá* (RAZKY, RIBEIRO, SANCHES, 2017) e outros.

Esses instrumentos linguísticos caracterizados como atlas retratam a realidade do português brasileiro falado em diferentes regiões, materializando em mapas as variedades do português e seus traços dialetais como a variação fonético-fonológica, semântico-lexical e morfossintática.

Sobre a variação linguística no âmbito lexical, pode-se registrar que o conjunto de palavras e vocábulos de uma língua dá-se o nome de léxico, sendo assim, a variação lexical é estritamente a variabilidade de palavras com o mesmo significado utilizado para nomear algo no mundo. Assim, Paim (2020, p. 161) afirma que o estudo do léxico permite

a observação da leitura que uma comunidade realiza de seu contexto e da preservação de parte da sua memória sócio-histórica e linguístico-cultural, além de possibilitar a documentação da variação lexical.

Deste modo, é possível apontar que o acervo lexical está estritamente ligado a aspectos sociais, pois a partir do estudo da variação lexical pode-se observar a relação psicossocial, cultural, educacional e de outras dimensões que o falante faz a partir do uso da língua. Enquanto resultado da percepção e do funcionamento cognitivo de uma língua, é, ainda, onde se reserva a “estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana” (PAIM, 2020, p. 164).

Biderman (2001, p. 179) compreende que os membros da sociedade têm função ativa na perpetuação e reelaboração do léxico da comunidade de fala a que pertencem, ou seja, o léxico é mutável porque seus usuários também o são.

No que concerne à escolha de lexias relacionadas ao campo semântico fauna, é notada uma abundância de substantivos para nomear o mesmo ser, sobretudo no contexto amazônico, no qual a língua foi formada com forte influência das línguas indígenas e africanas. Para mostrar o interesse pelo léxico relacionado à fauna brasileira, foi elaborado um quadro com alguns estudos que investigam este campo semântico.

Quadro 1. Estudos sobre o campo semântico fauna

Título	Gênero	Ano
A ‘galinha-d’angola’ no contexto etnodialetal do Tocantins	Artigo	2023
Variantes lexicais para galinha d’angola no Atlas Geossociolinguístico do Amapá (ALAP)	Artigo	2023
Estudo de itens lexicais pertencentes à fauna nos Atlas linguística de Alagoas e Pernambuco: em busca de convergências	Artigo	2022
As denominações para libélula, no Atlas Linguístico do Brasil: um estudo sobre a motivação dos signos	Artigo	2021
Um estudo geossociolinguístico de gambá no APFB e no Projeto ALiB	Artigo	2021
Urubus, gambás e muriçocas no Maranhão segundo dados do ALiMA	Artigo	2020
Variantes lexicais para joão-de-barro em atlas linguísticos do estado de Pernambuco	Artigo	2020
Gambá ou mucura? Como falam os amapaenses	Artigo	2019
Varição lexical nas Regiões Norte e Sul do Brasil: um estudo na área da fauna com base em dados do projeto ALiB	Dissertação	2018
“Muriçoca” ou “maruim”? designações para “pernilongo” no Norte e Nordeste do Brasil	Artigo	2017

Título	Gênero	Ano
A ‘galinha-d’angola’ no contexto etnodialetal do Tocantins	Artigo	2023
Variantes lexicais para galinha d’angola no Atlas Geossociolinguístico do Amapá (ALAP)	Artigo	2023
Estudo de itens lexicais pertencentes à fauna nos Atlas linguística de Alagoas e Pernambuco: em busca de convergências	Artigo	2022
As denominações para libélula, no Atlas Linguístico do Brasil: um estudo sobre a motivação dos signos	Artigo	2021
Um estudo geossociolinguístico de gambá no APFB e no Projeto ALiB	Artigo	2021
Urubus, gambás e muriçocas no Maranhão segundo dados do ALiMA	Artigo	2020
Variantes lexicais para joão-de-barro em atlas linguísticos do estado de Pernambuco	Artigo	2020
Gambá ou mucura? Como falam os amapaenses	Artigo	2019
Varição lexical nas Regiões Norte e Sul do Brasil: um estudo na área da fauna com base em dados do projeto ALiB	Dissertação	2018
Um estudo no campo léxico da fauna nas Regiões Norte e Sul do Brasil: O caso do pernilongo	Artigo	2017
O rural e o urbano, o passado e o presente: um estudo do acervo lexical do português brasileiro no campo da fauna	Capítulo	2016
Um estudo etnolinguístico de designativos para “gambá” no Brasil Central: contribuições do Projeto AliB	Artigo	2016
A presença de tupinismos na língua falada na Região Centro-oeste do Brasil: um estudo no campo léxico da fauna	Artigo	2015
Produtividade lexical em as pejeas de ojuara: expressões populares, topônimos, fauna, flora e culinária Potiguar	Artigo	2014
Varição lexical para libélula no Atlas Linguístico do Amapá	Artigo	2013
Reflexões sobre a variação lexical no campo da fauna nos dados para o Atlas Linguístico do Brasil	Capítulo	2013

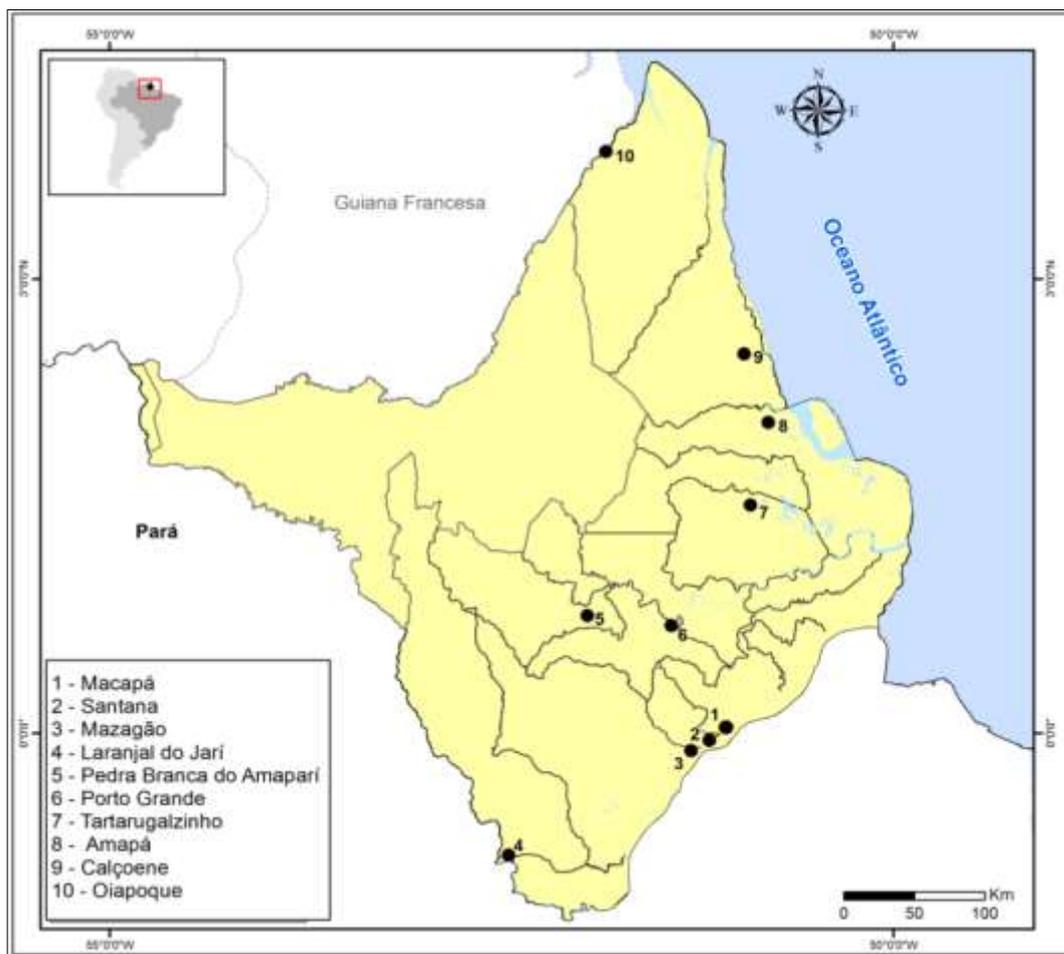
Fonte: Elaborado pelos autores.

Por este motivo, o presente artigo busca contribuir com os estudos relacionados com o campo semântico *fauna*, especificamente, para demonstrar a variação lexical do item *papagaio* no português falado no Amapá.

2. Metodologia

Tendo como modelo os pressupostos teórico-metodológicos do ALAP, esta pesquisa considera dez pontos de inquérito distribuídos no estado do Amapá, sendo eles: 01 – Macapá, 02 – Santana, 03 – Mazagão, 04 – Laranjal do Jari, 05 – Pedra Branca do Amapari, 06 – Porto Grande, 07 – Tartarugalzinho, 08 – Amapá, 09 – Calçoene e 10 – Oiapoque. A Figura 1 revela a distribuição espacial dos pontos de inquérito citados.

Figura 1. Rede de pontos do ALAP



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53), adaptado por Sanches (2019).

Quanto ao perfil dos informantes, foram selecionados 4 informantes, dos quais são um homem (M) e uma mulher (F) para a faixa-etária A (18-30 anos) e para a faixa etária B (50-75 anos), devendo possuir ensino fundamental (F). Conforme ilustra o quadro 2.

Quadro 2. Perfil dos informantes.

Sexo	Faixa-etária	Escolaridade
(M) Homem	A (18-30 anos)	Ensino Fundamental
(M) Homem	B (50-75 anos)	Ensino Fundamental
(F) Mulher	A (18-30 anos)	Ensino Fundamental
(F) Mulher	B (50-75 anos)	Ensino Fundamental

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para obtenção do *corpus*, foram utilizados os dados coletados pelo Projeto ALAP, para composição do campo semântico *fauna*, considerando as respostas para a questão 68 “... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?”, do Questionário Semântico-lexical – QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001).

De posse dos dados transcritos, foram organizados em planilha eletrônica do *Excel*, distribuindo as variantes por localidade e pelo perfil dos informantes. Em seguida, foram contadas as ocorrências das variantes lexicais encontradas por localidade, para que fossem criados gráficos de modo a auxiliar o mapeamento diatópico, diasssexual e diageracional.

Quanto ao mapeamento, foi utilizado o *software* de criação e edição de imagens *Inkscape*. Para isto, foi utilizado o padrão de cores RGB⁵ definido pelo Projeto ALAP.

Tabela 1. Padrão de cores para mapeamento

Cores		R	G	B
	1	255	0	0
	2	0	0	255
	3	255	255	0
	4	0	200	0
	5	248	204	204
	6	0	176	240
	Outras variantes	204	204	204
	Sem Resposta	255	255	255

Fonte: Razky; Ribeiro; Sanches (2017, p. 37), adaptado pelos autores.

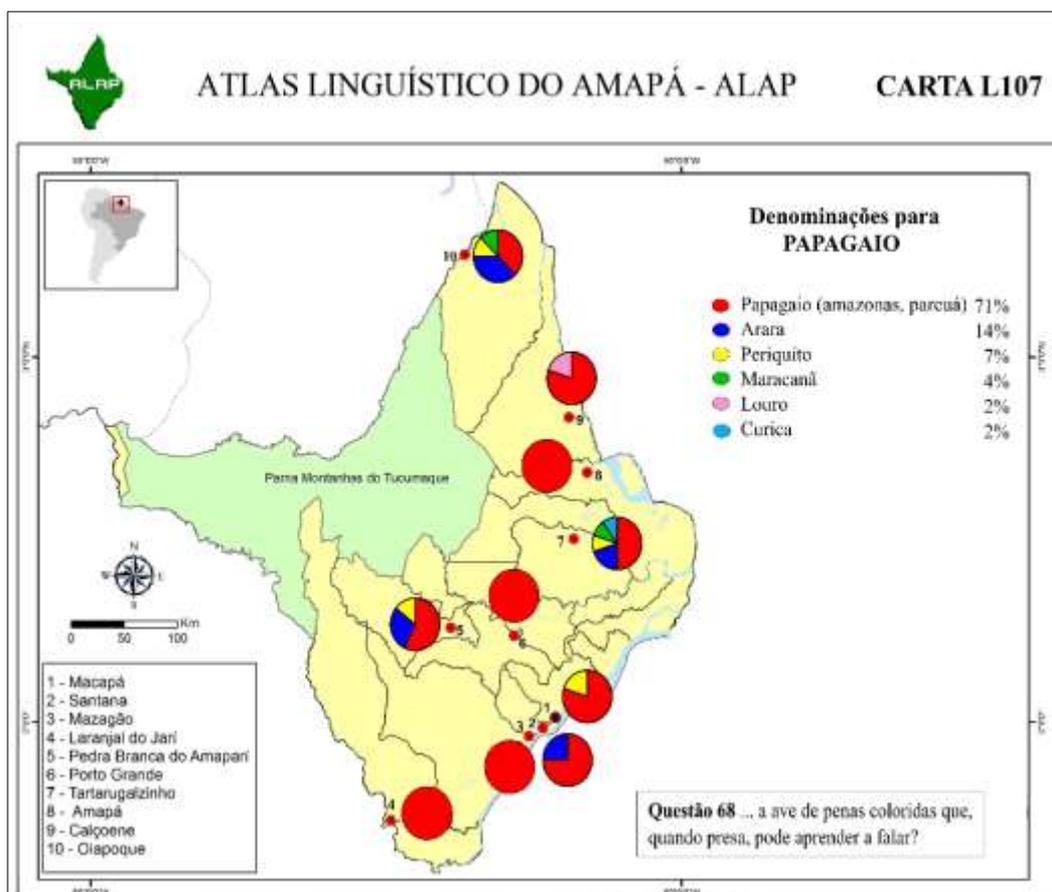
Por fim, vale ressaltar que para este estudo foram consideradas todas as variantes encontradas. Não foi utilizada a cor cinza, atribuída a “outras variantes”, que reúne as variantes menos frequentes, nem a cor branca, utilizada para indicar quando o informante não sabe a resposta.

⁵ RGB vem do inglês *Red* (vermelho), *Green* (verde) e *Blue* (azul) e é um sistema de cores aditivo em que há mistura de luz. No sistema RGB as cores são definidas pelas quantidades de vermelho, verde e azul que a compõem.

3. Análise e discussão dos resultados

Nesta seção serão apresentados os resultados da pesquisa. No primeiro momento, será apresentada a variação lexical com ênfase na variação diatópica. Em seguida, será abordada a variação social (diageracional e diasssexual), a partir do mapeamento estratificado.

Figura 2. Carta L107 - Papagaio



Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme demonstrado na Carta L107, a variante lexical mais frequente no estado foi *papagaio* com 71%, seguido de *arara* com 14%, *periquito* com 7%, *maracanã* com 4%, *louro* e *curica* com 2%.

A carta lexical permite a visualização da variação em cada município. Assim, no ponto 01 (Macapá) é registrada a variante *papagaio* com 80% das ocorrências, já *periquito* conta com 20%; em 02 (Santana) *papagaio* consta com 75% e *arara* com 25%; 03 (Mazagão) e 04 (Laranjal do Jari) apresentam porcentagens em 100% para *papagaio*; 05 (Pedra Branca) com 57% para *papagaio*, 29% para *arara* e 14% para *periquito*; 06

(Porto Grande) aparece com 100% das ocorrências para a variante *papagaio*; 07 (Tartarugalzinho) foi o município que mais registrou variantes, sendo a mais frequente *papagaio* com 50%, *arara* com 20%, *periquito*, *maracanã* e *curica* com 10% cada; 08 (Amapá) também foi unânime nas respostas, pois todos os entrevistados responderam apenas *papagaio*; 09 (Calçoene) registrou 80% para a variante *papagaio* e 20% para *louro*; 10 (Oiapoque) apresenta 37% tanto para *papagaio*, quanto para *arara* e 13% para *periquito* e *maracanã*.

Com base nos dados coletados pelo ALAP, elaborou-se o quadro 3 que marca o registro das variantes nos dez municípios estudados. Com um “x” foi marcada cada denominação em resposta ao QSL 68, demonstrando a ocorrência de mais de uma variante por localidade pesquisada.

Quadro 3. Variantes para papagaio no Amapá

Localidades	papagaio	arara	periquito	maracanã	louro	curica
01 - Macapá	x	-	x	-	-	-
02 - Santana	x	x	-	-	-	-
03- Mazagão	x	-	-	-	-	-
04 - Laranjal do Jari	x	-	-	-	-	-
05 - Pedra Branca	x	x	x	-	-	-
06 - Porto Grande	x	-	-	-	-	-
07 - Tartarugalzinho	x	x	x	x	-	x
08 - Amapá	x	-	-	-	-	-
09 - Calçoene	x	-	-	-	x	-
10 - Oiapoque	x	x	x	x	-	-

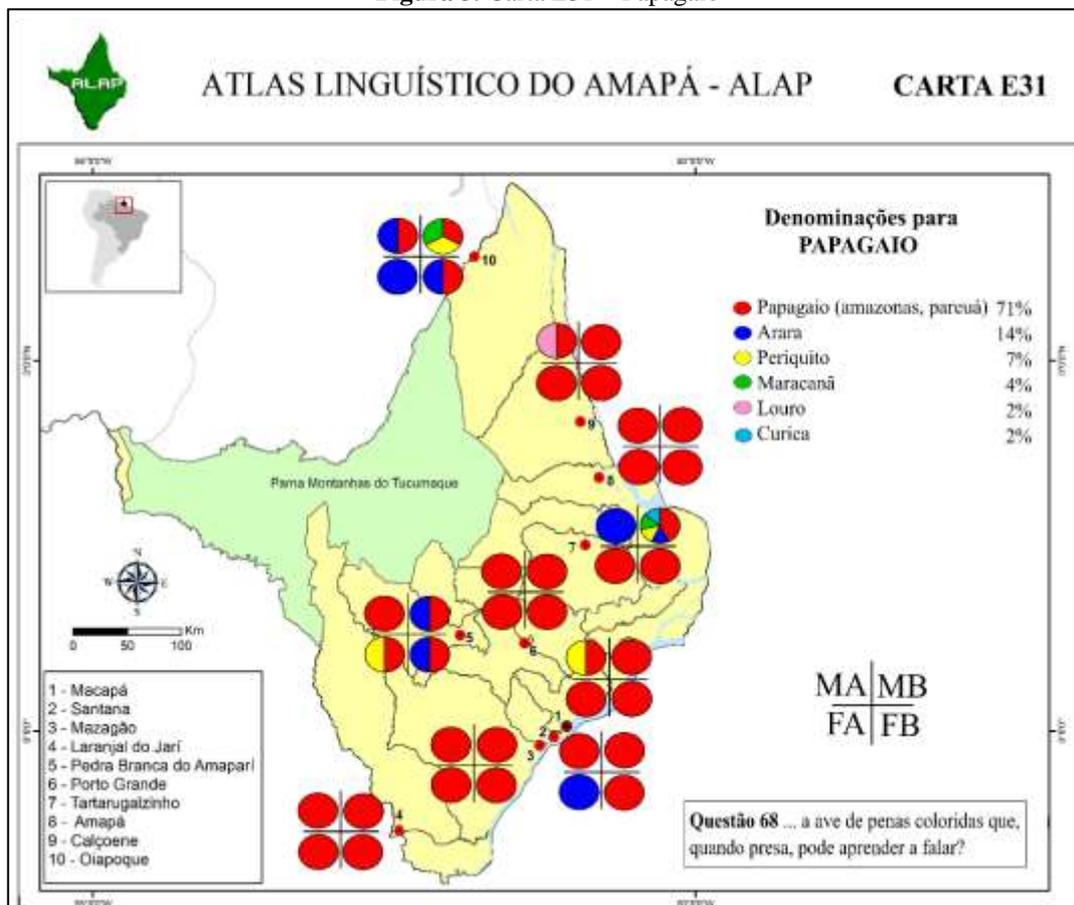
Fonte: Elaborado pelos autores.

Esse quadro foi elaborado para demonstrar como as variantes se distribuem nos municípios do estado, logo observa-se que a variante *papagaio* foi registrada em todos os municípios selecionados, já a variante *arara* aparece em 02 (Santana), 05 (Pedra Branca), 07 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque); *periquito* foi registrado em 01 (Macapá), 05 (Pedra Branca), 07 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque); *maracanã* foi encontrado em 07 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque); a variante *louro* foi registrada somente em 09 (Calçoene), por fim *curica* aparece somente em 07 (Tartarugalzinho).

Como apresentado previamente, a análise social consiste na variação diasssexual, no qual M, refere-se aos informantes do sexo masculino, F, aos informantes do sexo feminino e na variação diageracional, representado pela faixa etária A e B, sendo estes os

colaboradores com idade entre 50-65 e aqueles com 18-30 anos, todos com ensino fundamental.

Figura 3. Carta E31 – Papagaio



Fonte: Elaborado pelos autores.

A Figura 3 corresponde à carta estratificada, a qual registra as variantes na fala de cada informante de cada localidade pesquisada, possibilitando verificar a variação social. Essa carta é composta pelo título, localizado no canto superior direito; a identificação do item estudado (*papagaio*), as variantes registradas e suas respectivas porcentagens gerais, logo abaixo; a legenda da cruz de estratificação com as siglas MA (sexo masculino de primeira faixa etária), MB (sexo masculino de segunda faixa etária), FA (sexo feminino de primeira faixa etária) e FB (sexo feminino de segunda faixa etária), no canto inferior direito, acima da pergunta do QSL utilizada; centralizado está o mapa do estado do Amapá com a identificação dos pontos de inquérito e suas respectivas cruzes de

estratificação dos colaboradores, utilizando padrão RGB para representação das variantes registradas; por fim, no canto inferior esquerdo, a legenda dos pontos de inquérito.

Assim, no ponto 01 (Macapá) foram registradas as variantes *periquito* e *papagaio* com 50% de realização (cada) na fala dos homens de primeira faixa etária, contudo os outros informantes responderam apenas *papagaio*. Em 02 (Santana), o item *papagaio* foi registrado na fala dos homens de primeira e segunda faixa etária e, também, das mulheres acima de 50 anos; entretanto, as mulheres de primeira faixa etária possuem 100% de realização para a variante *arara*. Os pontos 03 (Mazagão) e 04 (Laranjal do Jari) apresentam 100% de frequência para *papagaio* na fala de todos os informantes. O ponto 05 (Pedra Branca) tem *papagaio* com 100% de realizações na fala dos homens de 18-30 anos, e os itens *arara* e *papagaio* aparecem com 50% de realizações (cada) para os dois sexos de segunda faixa etária, as mulheres de primeira faixa etária falaram *papagaio* em 50% dos casos e *periquito* nos outros 50%.

No ponto 06 (Porto Grande) a variante *papagaio* foi realizada por todos os informantes, independente de sexo ou faixa etária. No ponto 07 (Tartarugalzinho), foi registrado o maior número de variantes, constando *arara* com 100% de realizações na fala dos homens jovens; os itens *arara*, *periquito*, *maracanã* e *curica* cada um com 13% de realizações e o item *papagaio* com 44% de realizações na fala de homens mais velhos; já as mulheres das duas faixas etárias só responderam *papagaio*. No ponto 08 (Amapá), só foi registrada a variante *papagaio*. Em contraste, no ponto 09 (Calçoene), pois a mulher jovem, e ambos da segunda faixa etária responderam *papagaio*, enquanto os informantes do sexo masculino de primeira faixa etária responderam *papagaio* e *louro* com 50% de realizações para cada item. Finalmente, no município ao extremo norte do estado, 10 (Oiapoque), tem-se o registro de *arara* e *papagaio*, ambos com 50% de realizações na fala dos homens de 18-30 anos; *papagaio*, *periquito* e *maracanã* apresentam-se em 33% na fala dos homens com mais de 50 anos; na fala das mulheres de 18-30 anos só houve a ocorrência de *arara*; enquanto na fala das mulheres mais velhas houve 50% de realizações para *periquito* e *arara* (cada).

Considerações finais

Constata-se, a partir da descrição, mapeamento e análise de variantes, que a resposta predominante para questão de número 68 do Questionário Semântico-lexical – QSL

foi *papagaio* por haver sido encontrada em todos os municípios investigados, seguido do item *arara* registrado em Santana, Pedra Branca, Tartarugalzinho e Oiapoque, *periquito* foi registrado em Macapá, Pedra Branca, Tartarugalzinho e Oiapoque, *maracanã* aparece em Tartarugalzinho e Oiapoque; *louro* foi registrado somente em Calçoene, assim como o item *curica* registrado apenas em Tartarugalzinho. Diante dos resultados alcançados, observa-se que a maior quantidade de variação ocorreu nos pontos 7 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque).

Sobre a variação diageracional observa-se que as variantes *maracanã* e *curica* não aparecem na fala dos mais jovens, já na fala dos informantes de segunda faixa etária a única variante que não aparece é *louro*. A respeito da variação diassexual, no grupo das mulheres registra-se as variantes *papagaio*, *arara* e *periquito*, enquanto isso o grupo dos homens foram registrados todas as variantes encontradas.

Vale destacar que no item estudado não foi registrada ausência de resposta, havendo sempre um referente como resposta ao questionário. Com isso, espera-se que esta pesquisa sirva como base para outros estudos geolinguísticos que visem analisar o perfil do português falado no Amapá ou que busquem estudar especificamente o campo semântico fauna, considerando fatores internos e externos à língua.

Referências

- AGUILERA, V. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- ALMEIDA, F. C. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses**. 2008. 157 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.
- AUGUSTO, V. L. **Atlas semântico-lexical do estado de Goiás**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo, 2012.
- BESSA, J. R. F. (Org.). **Atlas Linguístico do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARDOSO, S. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EUFBA, 2005.

- CARDOSO, S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- COSTA, D; ISQUERDO, A. O vocabulário da fauna na língua falada em Mato Grosso do Sul: um estudo geolinguístico de designações para papagaio. *In: ISQUERDO, A; ALTINO, F; AGUILERA, V. (Orgs.). Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando novos pesquisadores II*. Londrina: Ed. Eletrônica, 2012
- CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas linguístico do Brasil: questionário**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- FERREIRA, C., ROSSI, N.; FREITAS, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; MOTA, J. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA – Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. KLASSMANN, M. (Orgs.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011 [2002].
- MARTINS, S. **A Variação Denominativa na Terminologia da Fauna e Flora: (As)Simétrica linguístico-cultural**. São Paulo, Cadernos de tradução, v. 38, n. 2, 2018. p. 241-262.
- OLIVEIRA, D. P. de (Org.). **Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- PAIM, M. A Variação Lexical no Atlas Linguístico do Brasil. *In: ISQUERDO, A; ABBADE, C. As ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande – MS: UFMG, 2020, v.9. p.161-178.
- RAZKY, A. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).
- RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
- RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. O Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): Caminhos percorridos e estágio atual. *Alfa*, São Paulo, v. 61, n. 2, 2017. p. 303-317.
- RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. L.; PASSIO, J.; GAIO, A. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
- ROMANO, V. **Balanço Crítico da Geolinguística Brasileira e a Proposição de uma Divisão**. Londrina: Entretex, v. 13, n. 02, 2013. p. 203 – 242.
- ROSSI, N; ISENSÉE, D. M.; FERREIRA, C. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, E. J. de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANCHES, R. **Análise Geossociolinguística dos dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, 2015.

SANCHES, R. **Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá**. Rio Branco: Nepan, 2020.

SANCHES, R; RAZKY, A. Análise Geossociolinguística das designações para fanhoso nas capitais brasileiras. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 1-22, 2021.

SANCHES, R; RIBEIRO, C. Geolinguística no Amapá: Da área urbana à indígena. SÁ, R; OLIVEIRA, M; SANCHES, R. (Orgs.). **Diversidade Linguística em Comunidades Tradicionais**. Campinas – SP: Pontes Editores, 2018, p. 193-217.